Informativo de Aprendizagem

Dia Internacional da Mulher 2023: “DigitALL: Inovação e tecnologia para a igualdade de género ”

MARÇO 2023

Este Informativo de Aprendizagem foi compilado pela Campanha Global pela Educação (CGE) após o webinário realizado para celebrar as mulheres e destacar os desafios globais que as mulheres enfrentam em relação à participação de mulheres e meninas na tecnologia digital para melhorar o acesso à educação. Também visa destacar os principais desafios e oportunidades que a educação digital deve abordar para respostas pragmáticas para alcançar a educação transformadora de género e, de forma mais ampla, a igualdade de género. De acordo com o estudo exploratório da CGE na utilização da EdTech, a pandemia global do COVID-19 forçou uma transição para meios alternativos de entrega da educação. Isto significou que grandes grupos de crianças foram excluídos da aprendizagem digital. O componente de género da divisão digital é que as mulheres e as raparigas têm muito menos probabilidade de ter acesso a Internet do que os rapazes e os homens, o que leva à lacuna digital global no acesso. Isto significa que qualquer política ou programa para fazer com que mais pessoas obtenham ingresso online só terá sucesso se as intervenções abordarem esta questão e oferecerem mecanismos que permitam acesso equitativo para todos os grupos marginalizados.

Sobre o webinário

No dia 8 de Março de 2023, a CGE convocou o webinário de aprendizagem e compartilhamento do Dia Internacional da Mulher (IWD 2023), sob o tema "DigitALL: Inovação e tecnologia para a igualdade de género", que informou o desenvolvimento desta Orientação para Aprendizagem. O tema está alinhado com o tema prioritário para a próxima 67ª Sessão da Comissão sobre o Status da Mulher (CSW-67), "Inovação e mudança tecnológica e educação na era digital para alcançar a igualdade de género e o empoderamento de todas as mulheres e raparigas." O IWD – Dia Internacional da Mulher celebra mulheres e raparigas que defendem o avanço da tecnologia transformadora e a educação digital para que seja inclusiva para todos. As palestrantes durante o webinário foram a Sra. Faraja Syvia Gloria Nyalandu - Membro da Directoria da CGE que representou os constituintes africanos, a Professora Malu Valenzuela - Rede de Educação Popular entre Mulheres - México, a Sra. Jeyda Bicer - Especialista em comunicação digital - Iniciativa das Nações Unidas para a Educação de Raparigas (UNGEI) e a Sra. Rahma Sami – Campanha Árabe pela Educação para Todos (ACEA), que exploraram o impacto da lacuna digital de género no aumento das desigualdades económicas e sociais, aconselharam soluções, recomendações e estratégias de intervenção para mitigar a divisão digital entre homens e mulheres.

O evento também destacou a importância de proteger os direitos de mulheres e raparigas nos espaços digitais e abordar a violência baseada no género (VBG) online e facilitada pelas ICTs – Tecnologias de Comunicação e Informação. As recomendações das membros do painel identificaram intervenções para mitigar a exacerbação das divisões digitais, como uma abordagem sensível ao género para inovação, tecnologia e educação digital que pode aumentar a conscientização de mulheres e raparigas sobre os seus direitos e envolvimento cívico. Os avanços na tecnologia digital oferecem imensas oportunidades para a continuidade da educação, particularmente após a pandemia do COVID-19, abordam os desafios humanitários e de desenvolvimento e alcançam os processos de planejamento das metas de desenvolvimento. Infelizmente, as oportunidades da revolução digital também representam um risco de perpetuar os padrões existentes de desigualdade de género. As crescentes desigualdades tornam-se cada vez mais evidentes no contexto das competências digitais e do acesso às tecnologias, com as mulheres a serem deixadas para trás como resultado desta divisão digital de género. Por isto, apelamos à tecnologia inclusiva e transformadora e à educação digital, que são cruciais para um futuro sustentável.

A finalidade e os objectivos do webinário sobre inovação e tecnologia para igualdade de género:

- Reunir, por meio da celebração e conscientização pública do Dia Internacional da Mulher, actores da sociedade civil, partes interessadas públicas e privadas, humanitários e defensores da igualdade de género, que fornece uma oportunidade de destacar o papel de todas as partes interessadas na melhoria do acesso às ferramentas digitais para alcançar uma educação transformadora de género e garantir que nenhuma rapariga seja deixada para trás.
- Destacar os principais desafios e oportunidades que a educação digital precisa abordar para respostas programáticas à igualdade de género e inclusão para alcançar a educação transformadora.
- Identificar os principais pontos de alcance com uma abordagem sensível ao género para inovação, tecnologia e educação digital para aumentar a conscientização de mulheres e raparigas sobre os seus direitos e envolvimento cívico.

Definição de Contexto: Phumza Luthango – Coordenadora de Política, Pesquisa e Advocacia da CGE

No discurso de abertura, as participantes receberam boas vindas no evento. O evento IWD – Dia Internacional da Mulher deste ano celebra os principais pioneiros e defensores que continuam a levantar o bastão dos grupos modernizados de mulheres e meninas. Sob o tema deste ano, foi colocada de maneira integrante que não pode haver nada para nós, sem nós mesmas (mulheres e raparigas). Para o evento IWD deste ano, a CGE chamou convidados e especialistas em digitalização da educação para discutir a crescente divisão digital entre homens e mulheres no espaço digital.

As discussões reuniram membros e parceiros da CGE para compartilhar suas percepções e recomendações enquanto encarregamos tomadores de decisão, agentes de poder e o sector privado para garantir a igualdade e inclusão das mulheres e raparigas no espaço digital. Também foi lamentado que um novo tipo de pobreza confronta o mundo, que exclui mulheres e raparigas de forma devastadora por meio da pobreza digital. Não há dúvida de que a exclusão digital tornou-se a nova face da desigualdade de género.

O impacto da digitalização no direito à educação

Durante a apresentação, a Sra. Faraja Syvia Gloria Nyalandu destacou que:

- A tecnologia e outras plataformas digitais são recursos que podem ser utilizados para a aprendizagem, mas em essência, não um fim, mas um meio para um fim. Por si só, a tecnologia não irá sustentar-se como garantia do direito à educação. É importante enfatizar que raparigas e mulheres enfrentam barreiras e discriminação consideráveis no acesso à educação digital, principalmente as que vivem em áreas rurais, as menos privilegiadas e as que vivem na pobreza.

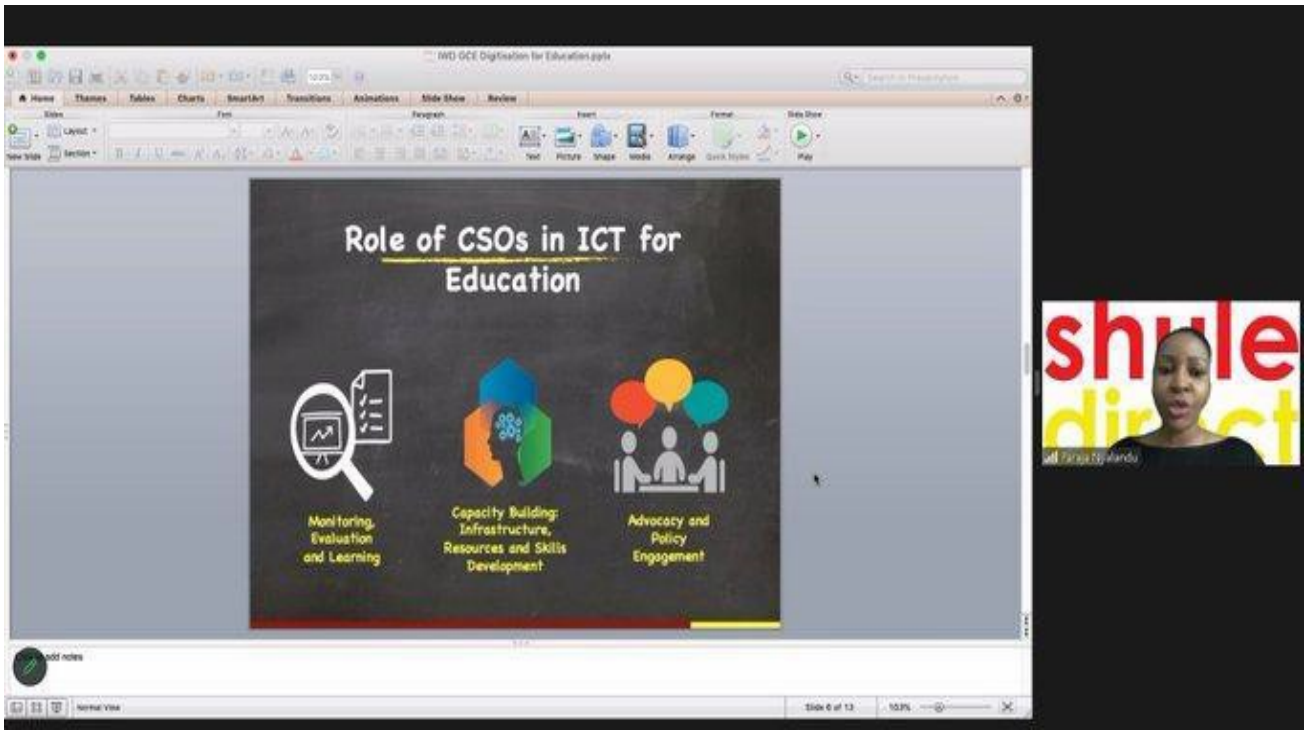

Imagem 1: O impacto da digitalização no direito da educação, Faraja Syvia Gloria Nyalandu – Membro da Directoria da CGE a representar a constituência africana.

- Para contextualizar esta afirmação e dar um passo atrás, é importante notar que, na maioria dos países africanos, a maioria dos professores ainda usa 'giz e quadro' e depende muito disto para ensinar os alunos e para envolvê-los no trabalho escolar prático. As escolas na África ainda lutam para ter acesso aos professores adequadamente qualificados e com o conjunto de habilidades certo para utilizar a EdTech no desempenho de suas funções; escassez de recursos de aprendizado eficazes para os alunos; custo de aparelhos de TIC; conectividade; e condições de aprendizagem desfavoráveis desde o primário até Ensino Médio. Além disto, habilidades e capacidades digitais entre alunos e professores para usar a tecnologia precisam ser avaliadas, que inclui a disponibilidade de infra-estrutura de TIC adequada e capacidades administrativas nas instituições de ensino.
- Para que as Organizações da Sociedade Civil (OSCs) na África alcancem uma educação equitativa e de qualidade, elas devem defender e pressionar por treinamento bem ajustado e o destacamento de professores qualificados em EdTech nas escolas. Em essência, esta tecnologia pode ser fundamental para facilitar muito o trabalho dos professores, que complementa a aprendizagem em casos em que os alunos tenham dificuldades/transtornos de aprendizagem. A EdTech pode ser crucial no apoio às crianças com necessidades especiais e deficiências para permitir que elas desfrutem do seu direito à educação de acordo com suas habilidades e necessidades.
- Além do que foi proposto acima, a tecnologia permite que os alunos envolvam-se com outras pessoas numa escala mais ampla. Por exemplo, os compromissos virtuais possibilitam que estudantes de todo o mundo encontrem-se para polinização cruzada de conhecimento e troca de ideias para lidar com os problemas que enfrentam nos vários níveis de educação. No entanto, questões críticas como a acessibilidade aos equipamentos de TIC e sua capacidade de usá-los precisam ser respondidas. Precisamos considerar a disponibilidade de EdTech em casa e nas escolas, tendo em mente o custo da infra-estrutura digital, equipamentos e conectividade, pois isto realmente importa na promoção do direito à educação nos países africanos.
- Finalmente, para complementar a EdTech, é importante que as OSCs pensem em intensificar o uso de plataformas prontamente disponíveis e aproveitar plataformas de disseminação de informações mais baratas, como SMSs e rádios, por meio das quais os alunos podem obter novos conhecimentos, porque estas plataformas têm uma cobertura maior na África.

A importância de promover o empoderamento e a justiça por meio de uma abordagem interseccional para melhorar o acesso à educação digital.

Nesta secção, observou-se que:

- Dada a velocidade que a revolução tecnológica alcançou e o impacto que teve em todas as áreas do empreendimento humano, a tecnologia tornou-se um importante aspecto de desenvolvimento para a maioria dos estados, bem como para o mundo e as organizações nacionais em oferecer às mulheres e raparigas oportunidades de uso de TICs, inteligência artificial e educação digital. Nos últimos anos, ficou evidente que tais demandas são prioritárias nas agendas nacionais e globais.
- Na região da América Latina e Caribe (ALC), propõe-se avançar para um novo paradigma produtivo e tecnológico. É preciso incluir uma perspectiva de género no desenvolvimento tecnológico, eliminar estereótipos sexistas no planejamento e implementação de estratégias digitais, promover políticas profissionais e programas educacionais para as raparigas e as mulheres participarem das áreas de inovação/tecnológicas e, finalmente, promover leis que estimulem a participação de mulheres nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), bem como na área de inteligência artificial. Apesar de insistir, por mais de 30 anos, em aumentar o uso de TIC, inteligência artificial e educação digital na região da ALC e em outras partes do mundo, não houve muito progresso.

- Enquanto um terço das mulheres conecta-se à Internet, metade dos homens já faz isto.
- Devido a estas disparidades, em 2022, a economia mundial perdeu US$ 1 trilhão em PIB devido à exclusão de mulheres e raparigas do mundo digital.

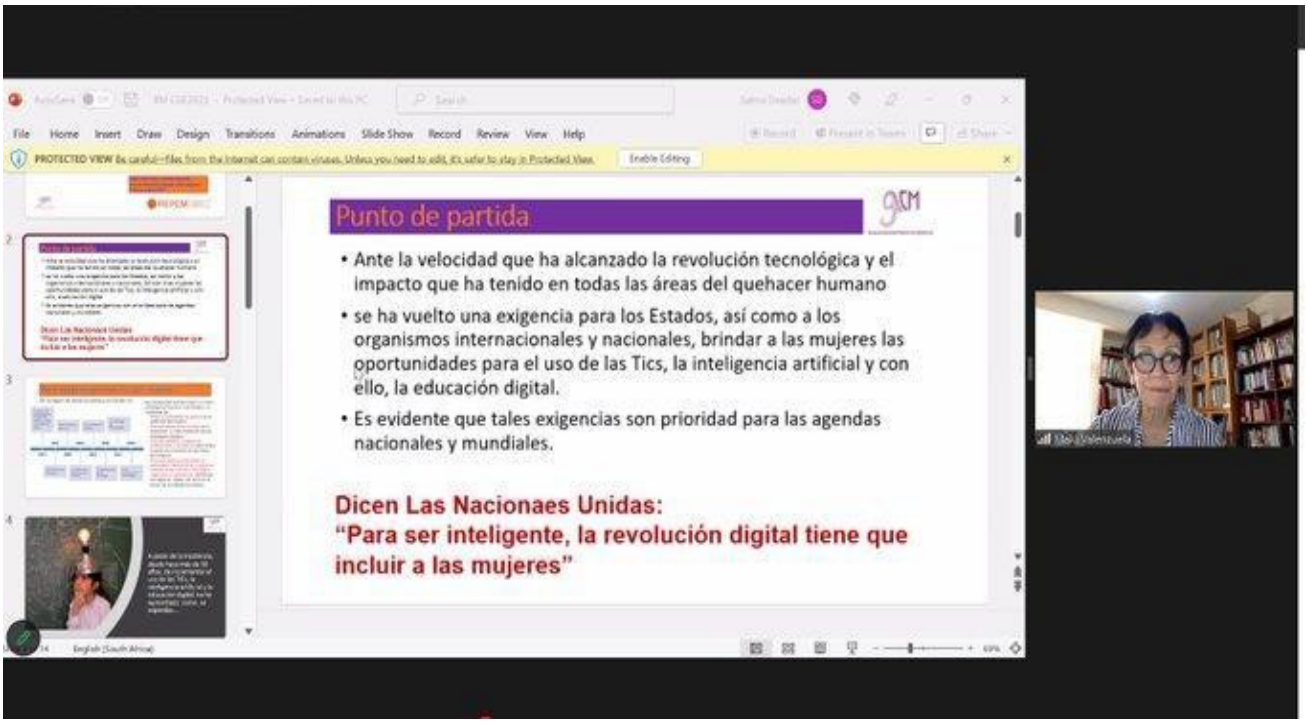

Imagem 2: A importância da promoção do empoderamento e justiça através de uma abordagem interseccional para aprimorar o acesso à educação digital, Professora Malu Valenzuela, Rede de Educação Popular entre Mulheres – México.

- Se os governos de todo o mundo adoptarem políticas para acabar com a divisão digital de género, o mundo geraria um aumento estimado de US$ 524 bilhões, por meio da actividade económica até 2025.
- A lacuna digital de género reflecte desigualdades estruturais causadas por sistemas neoliberais e patriarcado.
- No entanto, é crescente o interesse, em alguns sectores, de priorizar a educação e a formação digital nas escolas com o objectivo de aumentar a produtividade e a competitividade das empresas e, assim, promover o pensamento crítico, a consciência e os valores que permitem a democracia, a justiça e a dignidade como princípios essenciais para a transformação social.
- A interseccionalidade é uma ferramenta analítica para conhecer, compreender e responder às formas como o género intersecta com outras identidades e como estas intersecções contribuem para experiências únicas de opressão e privilégio, e como isto influencia aspectos éticos e políticos nas lutas das mulheres pela satisfação plena dos seus direitos humanos. A interseccionalidade permite que as mulheres organizem-se e participem de redes para tratar de questões que possam afectá-las de uma maneira específica. Também devemos levar em consideração questões étnicas, culturais e éticas, pois a EdTech pode ser usada para tirar os direitos de mulheres e raparigas e expô-las a abusos cibernéticos na Internet. Também devemos orientar contra o domínio dos homens no uso da tecnologia educacional, pois eles podem acabar por isolarem as mulheres e raparigas e impedindo-as de desfrutar do seu direito à educação.
- Para promover a educação digital por meio de uma abordagem interseccional, devemos primeiro estabelecer quem quer, pode e deve participar, para quais fins, suas necessidades, contextos e histórias/experiências e barreiras com base na sua origem étnica ou racial, identidade sexual/de género, condição de migrante e nível de escolaridade.

- Para enfrentar estes problemas, a advocacia pela educação digital não deve ser feita de maneira genérica, mas sim de forma específica, que identificará como e onde mulheres e raparigas querem usá-la. A tecnologia digital não deve tentar substituir as formas tradicionais de aprendizagem, mas sim complementar e reforçar uma à outra.

O sector de tecnologia tem dívidas pendentes com a igualdade de género.

Imagem 3: O sector de tecnologia tem dívidas pendentes com a igualdade de género, Jeyda Bicer, Especialista em Comunicação Digital – Iniciativa das Nações Unidas para a Educação de Raparigas (UNGEI).

- Na introdução, observou-se que a UNGEI usa suas diversas plataformas para ampliar as histórias e experiências de jovens feministas sobre a importância de proteger os direitos de mulheres e raparigas nos espaços de TIC. O tema deste ano é crítico para as realidades actuais do mundo e os desafios presentes que enfrentamos. Inovação e tecnologia são ferramentas poderosas para o progresso.

- A igualdade de género, dentro e através da educação, fortalece os movimentos feministas, inicia mudanças e apoia a solidariedade e a interconexão global. Ao mesmo tempo, somos obrigados a reconhecer e abordar a divisão de género, separação e GBV – Violência de Género que estão arraigados no mundo digital.

- Através da mídia digital, podem ser mantidas as conexões com seus parceiros e comunidades para trazer os problemas para o centro das atenções, como GBV relacionada à escola, administração da higiene menstrual, educação sexual compreensiva, parcerias intergeracionais, liderança feminista jovem, quebra de estereótipos de género e educação transformadora de género, para citar alguns.

- A mídia digital pode ser crucial para envolver as comunidades e também promover a conscientização através de mensagens gráficas, infográficos e animações em vídeo. Em 2021, a UNGEI apoiou a maior juventude digital do mundo, que reuniu 1.000 activistas que exigiram que os líderes do G7 transferissem poder e recursos para a educação e liderança de meninas. O espaço digital pode ser usado para fornecer uma plataforma valente e honesta para os jovens conectarem-se e aprenderem uns com os outros.

- Durante a pandemia, a UNGEI fez uma parceria com Gender at Work (Género no Trabalho) e conduziu a primeira edição da Escola Feminista com 26 jovens feministas de todo o mundo, todas seleccionadas de áreas rurais e urbanas. O treinamento foi realizado pela plataforma Zoom, que incluiu elementos importantes sobre princípios feministas, cuidado colectivo e individual, compreensão de conflito e poder, dinâmicas que podem ser prontamente adaptadas a uma variedade de partes interessadas que trabalham para promover a igualdade de género dentro e através da educação. Neste momento, a UNGEI quer transformar a escola feminista num centro inovador e digital, que promove a igualdade de género e a liderança feminista. Estes são alguns exemplos do trabalho da organização e da importância do acesso dos jovens aos espaços digitais para serem activos, sentirem-se seguros e bem ouvidos. No entanto, todo este trabalho é feito com o entendimento de que desafios como o COVID-19 exacerbaram ainda mais a desigualdade de género, a exclusão digital e a GBV. Felizmente, o activismo e o trabalho continuaram a envolver as comunidades, ao aproveitar da tecnologia, sempre que possível. Algumas organizações fizeram parceria com estações de rádio para dar aulas sobre informações de saúde e oferecer cursos de TIC (Tecnologia de Comunicação e Informática) on-line para capacitar as meninas a entrar no crescente espaço digital.

- A plataforma WhatsApp pode ser útil na divulgação de informações sobre saúde mental, prevenção de vírus e barreiras à educação para alcançar crianças, especialmente entre raparigas e crianças queer (homossexuais) que estão fora da escola por um motivo ou outro.

- O acesso a telefones celulares e à internet provou ser uma ferramenta poderosa entre os jovens para que eles possam conectar-se, aprender e conscientizar sobre questões que os afectam e os impedem de desfrutar do seu direito à educação. No entanto, devemos estar cientes das altas taxas de violência que raparigas, mulheres e crianças LGBTQ enfrentam online, durante e após a pandemia do COVID-19. Portanto, raparigas e mulheres restringem o seu envolvimento online por medo de agressão cibernética, cyberbullying sexualizado, fofocas e comentários odiosos. A era do COVID-19 também foi uma época em que as meninas que não tinham acesso à tecnologia ficaram ainda mais para trás e incapazes de continuar seus estudos.

- Frequentemente, a GBV online é acentuada pela falta de políticas e regulamentos formalizados para evitar danos digitais e proteger os usuários em 74 por cento dos países incluídos nas fundações da web (sistemas de informações), nas agências do índice de aplicação da lei na web (sistemas de informações) e nos tribunais. Isto significa que os criminosos não são responsabilizados devido à falta de regulamentos claros e à capacidade limitada de processar os infractores. Isto resulta em falta de confiança no sistema jurídico e na aplicação da lei para proteger os usuários “em risco”, que são, desproporcionalmente, raparigas.

Solicitação por um ciberespaço seguro para mulheres no Egipto

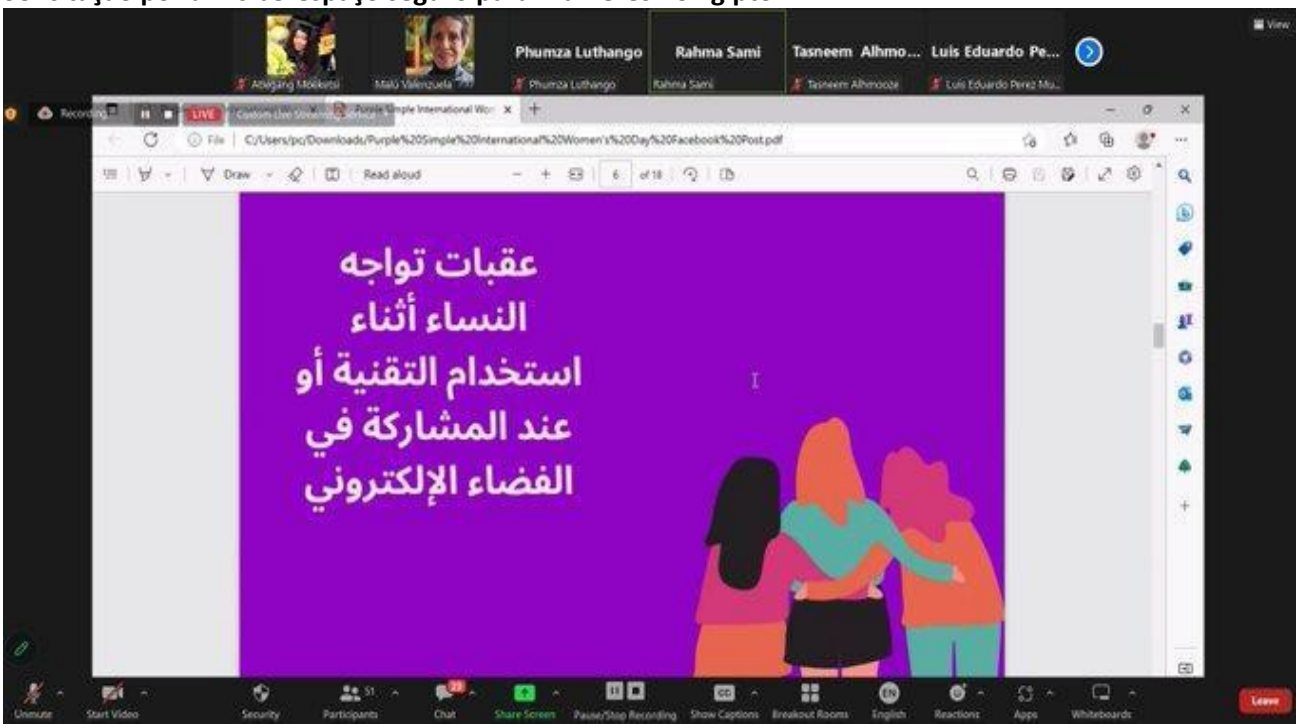

Imagem 4: Solicitação por um ciberespaço seguro para mulheres no Egipto, Sra. Rahma Sami – Campanha Árabe pela Educação para Todos (ACEA).

Da apresentação sobre ciberespaço para mulheres no Egipto, destacou-se que:

- Nos últimos anos, a GBV – Violência de Género aumentou no ciberespaço para mulheres que farão várias coisas na internet.
- Mulheres e raparigas enfrentam violência online prolongada, no dia-a-dia (discurso de ódio, cyberbullying - intimidação virtual), além de agressão física e abuso.
- Mulheres de 18 a 34 anos são as mais vulneráveis e enfrentam o maior ataque online, a tal ponto que algumas cometem suicídio, principalmente no ciberespaço do mundo árabe. Jornalistas mulheres e celebridades/figuras públicas não são poupadas em várias plataformas. 70 milhões de comentários foram direccionados a 10 jornalistas em 2016.
- Recentemente, uma jovem que compartilhou suas opiniões políticas online foi alvo e atacada, e seus dados pessoais foram compartilhados online para causar medo em outros activistas/comentaristas políticos.
- 41 por cento das mulheres no Egipto são visíveis no espaço digital, mas 351 milhões de mulheres não conseguem acessar a internet e têm medo de fazê-lo devido ao receio de represálias e ataques direccionados. As mulheres evitam participar de discussões online devido ao medo de serem vitimizadas, especialmente por homens e rapazes.

Sessão de Perguntas e Respostas

P: (dirigida à Profa. Malu Valenzuela): Eu compartilho de que a interseccionalidade é um instrumento político pela luta das mulheres por seus direitos. Eu me pergunto como tu vês o papel dos homens neste processo político? Se bem entendi o conceito de interseccionalidade, trata-se justamente de superar a 'dualidade' entre homens e mulheres para promover a igualdade de género.

R: Temos enfatizado o ponto de envolver os homens, mas estamos a enfatizar como nossa sociedade é patriarcal e usa ferramentas online para eliminar os direitos das mulheres de outros espaços. A luta não é entre homens e mulheres, mas o problema sempre foi estrutural e sistemático e é por isto que precisamos criar espaços de luta, através da abordagem da interseccionalidade, para alcançar as comunidades marginalizadas para que suas vozes sejam ouvidas. É assim que homens e mulheres podem unir forças para combater os obstáculos que têm impedido as mulheres de desfrutar dos seus direitos.

Lições e recomendações das discussões

- As OSCs e outras partes interessadas devem intensificar os seus esforços de advocacia para aumentar o acesso à internet e à educação digital. Mais financiamento é necessário para melhorar a infra-estrutura de TIC e o acesso a equipamentos tecnológicos por mulheres e raparigas. Oportunidades para mulheres nos espaços de TI no Egipto devem ser disponibilizadas para alcançar a igualdade de género, pois este espaço é dominado por homens.
- Para mitigar a GBV – Violência de Género online, os governos devem adoptar e aplicar políticas e regulamentos formalizados para evitar danos digitais e proteger os usuários em 74% dos países incluídos nas fundações da web (sistemas de informações), nas agências do índice de aplicação da lei na web (sistemas de informações) e nos tribunais. Os formuladores de políticas devem, portanto, garantir que as estruturas legais para protecção, segurança e privacidade de dados online utilizem uma óptica de género e ofereçam protecção para mulheres e raparigas.
- Além disso, uma abordagem transformadora de género para a educação é necessária para homens e rapazes, para que eles desistam de práticas online prejudiciais e da GBV – Violência de Género.
- Também é importante aumentar a oportunidade para mulheres e raparigas desenvolverem habilidades digitais e aumentar sua confiança para seguirem carreiras como profissionais de TIC, para garantir que não apenas os produtos e serviços atendam às suas necessidades e realidades digitais, mas que desenvolvam as habilidades e a confiança das raparigas ao fazê-lo.
- A pesquisa específica de conteúdo é um pré-requisito para entender as experiências digitais das raparigas, os riscos de segurança e protecção que elas enfrentam online e quaisquer problemas/receios na sua comunidade sobre o uso da tecnologia pelas raparigas. Isto poderá ajudar as comunidades a entender como podem dar apoio às raparigas a manterem-se seguras online, ao invés de ver a internet como um lugar perigoso.
- É importante que as organizações usem a mídia digital para manterem-se conectadas com os seus parceiros e comunidades para trazer os problemas para o centro das atenções, como GBV – Violência de Género relacionada à escola, violência cibernética, estratégias de mitigação, recomendações e lições aprendidas para que outros parceiros também possam utilizar os mesmos mecanismos para mitigar a GBV online e promover a educação digital. A mídia digital é uma ferramenta poderosa se for usada estrategicamente para promover a conscientização por meio de mensagens gráficas, infográficos e animações em vídeo. A UNGEI está aberta a dar colaborações e parcerias onde possa emprestar sua(s) plataforma(s) para jovens feministas e activistas, pois possui um público de audiência amplo e extenso no mundo todo.

- Durante a era da pandemia do COVID-19, a UNGEI e a maioria das organizações usaram plataformas digitais para conectar com sua comunidade. No entanto, para motivar a participação e o envolvimento contínuo, é importante que as organizações forneçam pagamentos para conectividade à Internet, e considerar o alto custo de conectividade externa (data), principalmente para participantes de países de renda média-baixa. Embora as coisas tenham começado a voltar ao normal, as organizações ainda devem disponibilizar espaços digitais para as suas comunidades e continuar a explorar inovações que possam permitir que as pessoas participem de reuniões de qualquer lugar do mundo.
- Organizações como UNGEI, agências da ONU, departamentos governamentais, sectores público e privado e ONGs, entre outras, devem apoiar o trabalho dos jovens à medida que a tecnologia continue a desenvolver/evoluir, a criar soluções sustentáveis que eliminem a divisão digital de género, que capacite as mulheres e raparigas a terem acesso a mais oportunidades digitais/online, seja na educação, no emprego ou no envolvimento social.

Recursos

A gravação do webinário pode ser acessada: aqui.

O comunicado de imprensa da CGE por ocasião do Dia Internacional da Mulher está disponível: aqui.

O video do evento de comemoração do Projecto Raparigas em STEM – Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática da AASU sobre o empoderamento digital das mulheres está disponível: aqui.

Os participantes foram convidados pelo Coalizão Espanhola para ver e compartilhar um vídeo sobre acção cibernética: dar andamento à igualdade nos espaços educativos para reflectir sobre as desigualdades de género e como a educação transformadora pode ajudar a eliminá-las. A acção convidou rapazes e raparigas a reflectirem e criarem juntos uma música em forma de rap. Para isto, a Coalizão contribuiu com uma escola de música e um artista e, desenvolveu uma música que pode ser acessada: aqui.